



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **19/08/2019**

Aprovado em: **23/08/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.18.26>

AS RODAS DE CONVERSAS COMO INSTRUMENTOS PARA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE
CRECHE/ TALKING WHEELS AS AN INSTRUMENT FOR KINDERGARTEN EDUCATORS/ RUEDAS
QUE HABLAN COMO INSTRUMENTO PARA LA FORMACIÓN DE EDUCADORES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

LAISE SOARES LIMA

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar as contribuições das Rodas de Conversas como instrumentos para formação coletiva de educadores de creche. A discussão tem por embasamento a importância de espaços de estudos e reflexões entre os educadores para (re)significação de perspectivas e práticas pedagógicas para a infância. A partir de uma abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa-ação-colaborativa-crítica as análises foram constituídas após a realização de cinco Rodas, com a participação de 14 educadores de duas creches municipais de Sergipe. As reflexões demonstram que as interações e diálogos entre os profissionais possibilitou a afirmação de práticas exitosas e o compartilhamento de saberes constituídos através das experiências com as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educadores de creche. Formação. Rodas de Conversas.

ABSTRACT: The present study aims to analyze the contributions of Conversation Wheels as instruments for the collective formation of day care educators. The discussion is based on the importance of spaces for study and reflection among educators to (re) signify perspectives and pedagogical practices for childhood. From a qualitative approach inspired by action-collaborative-critical research, the analyzes were constituted after the completion of five Wheels, with the participation of 14 educators from two municipal day care centers in Sergipe. The reflections show that the interactions and dialogues between professionals allowed the affirmation of successful practices and the sharing of knowledge constituted through experiences with children.

KEYWORDS: Nursery educators. Formation. Conversation Wheels.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo analizar las contribuciones de Ruedas de conversación como instrumentos para la formación colectiva de educadores de guardería. La discusión se basa en la importancia de los espacios de estudio y reflexión entre los educadores para (re) significar perspectivas y prácticas pedagógicas para la infancia. Desde un enfoque cualitativo inspirado en la investigación crítica de acción-colaboración, los análisis se constituyeron después de completar cinco ruedas, con la participación de 14 educadores de dos guarderías municipales en Sergipe. Las reflexiones muestran que las interacciones y diálogos entre profesionales permitieron la afirmación de prácticas exitosas y el intercambio de conocimientos constituidos a través de experiencias con niños.

PALABRAS CLAVE: Educadores infantiles. Formación Ruedas de conversación.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre as práticas pedagógicas realizadas com crianças de 0 a 3 anos nos espaços das creches se torna um componente essencial para formação docente. Essa compreensão requer que além de formação inicial e continua o professor esteja aberto a aprender com as interações apresentadas cotidianamente em seu trabalho com as crianças. Pois, a prática pedagógica não é exercida sobre um objeto, ela ocorre numa rede de interações, em um contexto determinado, onde valores, atitudes, princípios, concepções e sentimentos são expressos, devendo ser respeitados.

Por esse viés, como afirma Tardif (2006, p. 49) “o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor”. A escuta atenta do docente sobre as crianças e as experiências e diálogos compartilhados com os demais profissionais que atuam na educação infantil, viabilizam oportunidades para a formação reflexiva, que busque por meio da comunicação novos caminhos para o ensino e a aprendizagem. Logo, concordamos com a teoria de Schön (2000) da necessidade de haver um triplo movimento da reflexão na ação, da reflexão sobre a ação e da reflexão sobre a reflexão na ação. Entendendo, portanto, que a formação profissional deve ser um processo constante e dialogado, construído em parceria pelas linguagens das crianças e dos profissionais.

Nesse sentido, o presente texto, proveniente de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação, que teve como objetivo central compreender as concepções de linguagens da infância a partir das narrativas que permeiam os discursos e as práticas de profissionais de duas creches situadas no estado de Sergipe, visa apresentar um recorte das discussões que problematizam as contribuições das Rodas de Conversas, como espaços de formação coletiva, de estudos e reflexões que possibilitam a (re)significação de perspectivas e práticas para o trabalho com as crianças.

Os diálogos formados nas Rodas de Conversas são momentos singulares de partilha, demandando o exercício da escuta e da fala, em que vários interlocutores se posicionam, interagindo com os demais em suas colocações, tanto para discordar ou complementar. Tais afirmativas se confirmam pela perspectiva de Rinaldi (2012, p. 19) ao defender que o diálogo é fundamental para formação. Não apenas como trocas, mas como um processo de transformação, em que o resultado final não é possível ser controlado. Ou seja, as falas nos conduzem a diversos caminhos que não podemos controlar, mas ao mesmo tempo, para pronunciarmos é preciso refletirmos, pensarmos, bem como, na escuta sempre estamos absorvendo algo que foi dito.

Conforme Warschauer (2001, p. 179) a conversa além de desenvolver a argumentação lógica, inclui disposições relacionais, como o respeito, as emoções, o saber escutar e falar, a espera da vez, a introdução no diálogo, a paciência, o exercício de pôr-se no lugar do outro, entre outras capacidades essenciais para o convívio e trabalho coletivo.

Portanto, as Rodas de Conversa se apresentam como um instrumento de participação coletiva, de discussões sobre determinada temática, nesta pesquisa sobre as práticas pedagógicas dos educadores de creche acerca das linguagens da infância. Um dos resultados que a Roda possibilita é “de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta (MOURA; LIMA, 2014, p. 101)”. Evidenciando assim, o motivo de nossa escolha por esse caminho, por assemelhar-se aos nossos objetivos com a metodologia de pesquisa-ação-colaborativa-crítica, e por permitir a construção de uma consciência da importância de comprometimento político e cultural dos educadores da primeira infância.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo foi organizado com o intuito de contribuir com os profissionais da infância de duas creches do município de Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe, a uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica com a criança pequena e no direcionamento de respostas às dificuldades nelas intrínsecas, o que nos levou a utilizar a abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa-ação-colaborativa-crítica para delineamento da pesquisa.

Esta escolha se justifica por possibilitar a inserção ativa do pesquisador no ambiente de estudo a fim de compreender a natureza do fenômeno analisado (ALVES, 1991). Os sujeitos envolvidos na pesquisa-ação-colaborativa-crítica integram um grupo com objetivos e metas semelhantes, no designio de soluções para problemáticas advindas do contexto inserido em seus diferentes papéis. O pesquisador participa auxiliando o grupo a problematizar e discutir as questões postas, por meio de uma base teórica ampla, que permita a conscientização dos envolvidos em vista de transformações das práticas realizadas (THIOLLENT, 2007). Todos participam igualmente, operando os confrontos, embates e contradições frutos da construção coletiva. O desejo de contribuição e melhorias do pesquisador supera a observação e verificação estática de dados, o que conseqüentemente, assemelha a necessidade de interação. Assim, Barbier (2007, p. 43) nos afirma que há uma militância do pesquisador em “função de uma mudança cujos fins ele define como estratégias. Mas a mudança visada não é imposta [...]. Resulta de uma pesquisa na qual os atores se debruçam sobre eles mesmos”.

A justificação, portanto, em escolha desta perspectiva decorreu da viabilidade de criar um espaço de estudos, pesquisa, reflexão e análise das práticas pedagógicas nas creches sobre linguagens, efetuadas pelos educadores em parceria com a universidade. Entendendo a ação dos sujeitos como essenciais no encandeamento de planejar, refletir e recriar novas possibilidades de ação.

Por este caminho conseguimos nosso ideal, de não agir somente no sentido de avaliar as ações dos educadores por meio de critérios pré-definidos e conceder propostas, mas em perceber as diversas formas que os educadores trabalham e auxiliá-los a refletir sobre a própria prática, questionando as situações, pensando os porquês de decisões, e suscitando uma maior apropriação de seu próprio saber; entendendo que por meio da reflexão e reelaboração contínua da prática realizada são possíveis melhorias educacionais.

Em consonância, a pesquisa-ação-colaborativa-crítica foi utilizada por ser eminentemente pedagógica, possibilitando reconstruções e reestruturações de sentidos, bem como conferindo “caráter científico à prática educativa com base em princípios éticos que visualizem a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 220)”.

Assim, foi realizado inicialmente dois encontros em cada uma das duas instituições participantes para apresentarmos a proposta geral da pesquisa, conhecermos as creches, selecionarmos os participantes e discutirmos quais as principais dificuldades enfrentadas pelos educadores em suas práticas pedagógicas

Entre os inscritos para participar da pesquisa tivemos a presença de 44 sujeitos, todavia, após a realização dos encontros de Rodas de Conversas, foi possível perceber e contabilizar que nem todos os inscritos participaram efetivamente dos cinco momentos. Assim, para posterior análise das informações e dados, selecionamos um recorte de 14 sujeitos, entre eles: 2 gestoras, 1 coordenadora pedagógica, 4 professoras, 3 cuidadores e 4 estagiárias do curso de Pedagogia, os quais tiveram presença assídua e participaram de fato, se manifestando verbalmente no grupo e realizando as atividades propostas.

Em conformidade com os dados foi possível perceber que a grande maioria dos sujeitos são do sexo feminino, sendo apenas um participante do sexo masculino, atuando no cargo de cuidador. Logo, este dado assemelhasse ao que Gatti e Barreto (2009) apresentam em suas pesquisas sobre professores no

Brasil, divulgadas em 2010, em que há uma predominância feminina na Educação Infantil, reforçando o papel da mulher como responsável na educação de crianças.

Vale destacar, ainda, que o tempo de atuação desses sujeitos na educação infantil varia de um mês a cinco anos nas respectivas creches que hoje realizam suas ações. Esse dado pode estar relacionado com a idade dos participantes, que em sua maioria estão em idade entre 21 a 30 anos, demarcando que há um grupo jovem em exercício na Educação Infantil brasileira (GATTI; BARRETO, 2009). Do mesmo modo, como apresentado, há a presença de profissionais que ainda estão em formação inicial, as estagiárias de pedagogia, estas estudantes por meio do vínculo contratual com a Secretaria de Educação do município, tem a oportunidade de dialogar a teoria estudada na Universidade com as práticas exercidas pelas suas funções na creche.

Assim, foram utilizados como instrumentos da produção dos dados um questionário semiestruturado e as Rodas de Conversas. O questionário foi utilizado com o propósito de levantar maiores informações iniciais sobre os sujeitos e suas concepções. As perguntas foram pensadas de modo que nos auxiliassem a perceber quais as maiores dúvidas e o que deveríamos fazer na etapa seguinte do projeto. As questões nos permitiram identificar aspectos pessoais e profissionais, servindo, portanto, como uma sondagem introdutória em que a partir do que os participantes exprimiram e dos seus discursos na reunião, pudemos construir nossas temáticas e o planejamento das rodas de conversa.

Todavia, a fim de ampliarmos as possibilidades de análise e conseguirmos nosso objetivo de colaboração na (re)construção das práticas dos participantes, utilizamos como segundo instrumento de produção de dados a Roda de Conversa. Empregamos a conversa nesta pesquisa como espaço de formação, de trocas de experiências, de discussões e desabafos, percebendo que nesse processo ela é capaz de conduzir trocas ao modo que produz dados significativos e ricos em conteúdo.

Como instrumento de pesquisa, a Roda de Conversa treina nosso olhar para perceber e captar as categorias que se fazem presentes nos discursos dos sujeitos, que são ouvidos durante os encontros. Desse modo:

O sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva (MOURA e LIMA, 2014, p. 100).

Assim, as vozes dos educadores trazem consigo além de condutas profissionais, um forte tom pessoal. Pois, é inevitável relacionar com a memória aspectos do passado e relacionar a vida com a profissão, tendo em vista que diariamente as experiências e grande parte de seu tempo se consolidam no ambiente escolar. Logo, por possibilitar essa dimensão de dados sobre concepções e práticas por meio dos relatos, a Roda de Conversa permitiu a inserção das pesquisadoras como sujeitos participantes do estudo, possibilitando a partilha de práticas e reflexões num processo mediado por textos e temáticas que emanaram diálogos e silêncios reflexivos.

Assim, por termos participantes de duas instituições, escolhemos uma das salas da Universidade Federal de Sergipe, para conduzir nosso trabalho, tendo em vista o tamanho do espaço e a acomodação de todos, além do ar de cientificidade que a universidade possibilita.

As Rodas de Conversa do nosso trabalho ocorreram em cinco encontros. Cada uma delas guiadas por uma temática, para provocar o início do diálogo. Os eixos temáticos foram definidos após a análise dos questionários e da reunião realizada nas instituições, buscando contemplar as dúvidas e necessidades do grupo, sendo eles: 1) O que são linguagens da infância? 2) As múltiplas linguagens da criança na proposta pedagógica; 3) Estratégias de trabalho com as linguagens I; 4) Estratégias de

trabalho com as linguagens II; 5) Planejamentos e experiências com diferentes linguagens.

Logo, através da autorização dos participantes, utilizamos os instrumentos de gravador de voz e filmadora para arquivar as conversas e, posteriormente, trabalharmos com os dados coletados.

Nesse sentido, tendo em vista a ampla discussão travada nas Rodas de Conversas, foi possível selecionar três categorias que foram analisadas na dissertação de Mestrado em Educação, da qual esse trabalho é fruto. Entretanto, priorizaremos aqui a discussão sobre a importância da formação de professores, em espaços coletivos de diálogos e reflexões como os possibilitados pelas Rodas de Conversas desta pesquisa. Realizando, portanto, a partir das narrativas dos educadores, uma defesa a Roda de Conversa como instrumento de pesquisa e formação.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS RODAS DE CONVERSAS

Após diversos momentos de discussões e estudos, em que os educadores compartilharam seus sentimentos e experiências, propomos que relatassem quais as contribuições que as Rodas de Conversas permitiram para seus respectivos trabalhos com as crianças na creche. Seguindo a linha de atividades desenvolvidas, através de cartazes e relatos, foi possível uma avaliação que caracterizou, ainda, se a metodologia de pesquisa-ação-colaborativa-crítica conseguiu atingir seu objetivo formativo, de reflexões e (re)construções de concepções e práticas pedagógicas sobre as crianças de 0 a 3 anos de idade e suas linguagens.

Inicialmente, apresentamos a fala de Luz, na qual busca pontuar não só a importância da Roda de Conversa, mas seu sentimento em estar dividindo aquele momento com seus colegas de trabalho. Entendendo que o processo formativo não é simples, demandando de escolhas e decisões, que muitas vezes levam a privar de períodos de lazer em relação aos estudos, contundo sendo gratificante quando se percebe as ricas experiências e conhecimentos que podem ser aprendidos durante a formação:

Luz: Eu queria falar também professora, que vocês estão de parabéns por esse curso que estão oferecendo pra gente. Porque na realidade quando a gente vai casar é um passo que a gente está dando, né verdade? Às vezes certo e às vezes não. E é a mesma coisa da nossa profissão. Que muitos profissionais pensam em se formar porque querem um certificado, e muitos professores entram na sala de aula, como vocês sabem, que entram e não é apto àquela profissão. Tá ali por estar, estar ali, é inteligente, mas não se dá totalmente à criança, e nós somos os exemplos, temos que passar pras crianças ali na sala de aula. E o professor quando vai se dar para o aluno, o espelho deles é a nossa imagem. E os profissionais que estão aqui hoje, não estão aqui de brincadeira, estão aqui pra aprender e são profissionais mesmo que estão em sala de aula buscando o melhor pra profissão. Alguns já formados outros não, mas logo, logo estarão, com fé em Deus. Eu sei que o sábado às vezes é corrido pra gente, dia de sábado a gente queria tá na praia, tá com a família, mas isso passa, do mesmo jeito que a gente fica na faculdade quatro anos, cinco anos, e depois vai uma pós, um mestrado como vocês que estão aqui (aponta para a pesquisadora), mas isso é tão importante. Sei que muitos não estão aqui por algum motivo, mas tudo isso que estamos aprendendo aqui é tão bom que a gente leva pro nosso dia-a-dia, e tudo que a gente tá aprendendo aqui já é o dia de cada um na nossa instituição. Só queria falar isso um pouquinho e parabenizar a vocês por ter escolhido nossas creches. E tá aqui é muito bom, um passa a experiência de um e de outro, uns

são mais tímidos, outros são como eu mais papagaios, e isso é tão bom que vai passando o conhecimento de um e de outro (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

A educadora reafirma a ideia que ao se fazer uma escolha profissional, com ela devemos considerar toda a dimensão que esse trabalho pode efetivar. Assim, a profissão de professor, especificamente de crianças, medeia momentos de aprendizagens, devendo buscar sempre a qualidade nas ações. Para tanto, reconhece a disponibilidade dos educadores presentes em participar das Rodas de Conversa, mesmo ocorrendo aos sábados, o que demonstra seus interesses em aprimoramento profissional. Além disso, considera-se na narrativa, o enaltecimento às trocas de experiências, uma vez que eles trocam sempre informações e práticas, aprendendo uns com os outros, e mesmo que alguns não falem nas discussões, eles colhem as perspectivas e práticas e as realizam nas suas ações.

Desta forma, destacamos que a identidade do professor de creche se constrói não só com conhecimentos, é uma construção social entrelaçada por relações com crianças, famílias e demais profissionais. Um trabalho formal e qualificado, que possui características próprias, as quais devem ser reconhecidas por toda população.

Isto posto, as educadoras a seguir relatam:

Maria: [...] Eu como estou nova nessa fase da creche, estava dez anos na educação infantil, na turminha maior de quatro anos, é totalmente diferente, você acaba se descobrindo junto com eles. Então às vezes as pessoas acham, até mesmo os pais dizem porque são bebês “a esse menino vai pra escola fazer o que? Só vai brincar na escola, não faz nada, uma criança que só aprende alguma coisa é quando ela está na idade das letrinhas, de contar, de escrever”. Até pessoas que trabalham na própria educação quando eu tive essa vontade de passar pra creche, pessoas que trabalham disse bem assim “ah mas na creche eles não estudam não, não tem professor na creche”. Não tem professor na creche? “Lá só tem cuidador, eles só brincam”. Como uma criança só brinca? Até os três anos não fazem nada? Eles fazem, eles aprendem muito e você acaba aprendendo junto com eles (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Luz: Eu acho que isso acontece em várias situações, delas nos surpreenderem. Que creche na verdade já tem aquela visão, que chegar lá é só cuidar, que criança não faz nada, e não é bem assim né? Eu já trabalhei muito na sala de aula, hoje não estou na sala de aula, mas já fiquei três anos já, hoje faço parte da secretaria, e vi que muitas professoras e estagiarias quando chegaram lá ficaram “como é que eu vou trabalhar?” Depois vem as situações, quando eu vejo fazendo os planejamentos, que lá nós temos isso, de ficar “eu vou trabalhar isso hoje”, mas com dúvidas, e quando terminam eu pergunto “e aí deu certo?” e elas falam empolgadas “deu, consegui!” E quando chegam na faculdade com a professora falam que fizeram e conseguiram, “eu fiz isso hoje que não sabia que tinha que fazer isso em creche”. Porque muita gente tem uma visão diferente da creche né? [...] Se a gente comenta umas situações com alguém, ninguém vai acreditar, vai achar que é brincadeira. Muitos pais chegam lá e perguntam como foi o dia e tem pais que nem perguntam, mas as professoras sempre contam um fato e alguns dizem que é interessante que cada vez mais ficam impressionados que os filhos chegam em casa e os pais aprendem com eles. E é verdade (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Maria apresenta que mesmo estando há muito tempo trabalhando na pré-escola, ao ir para creche encontra uma realidade diferente. As peculiaridades do trabalho com bebês e crianças pequenas se modifica, bem como a visão que muitos possuem sobre o profissional que atua com essas crianças, ainda não possui grandes reconhecimentos e valorização. Existe uma dúvida misturada com preconceitos, se há necessidade de professores formados e conhecimentos específicos na atuação com crianças. Concepções que se alinham à ideia que as crianças não pensam, não comunicam e refletem suas vivências, necessitando apenas de um asseguramento e cuidado nas instituições. No entanto, Maria reafirma as ricas trocas que podem existir com as crianças de 0 a 3 anos de idade, possibilitando o professor se aprimorar e qualificar seu trabalho através das manifestações infantis.

Do mesmo modo, Luz pontua a perspectiva que ainda existe por muitos profissionais, que não conhecem ou não atuam na creche, de que não há um trabalho planejado, dirigido e intencional para as crianças. O passar tempo e o cuidado exclusivo ainda são características históricas que carregamos como profissionais desse nível de ensino. Que se modificará a medida que reconhecemos as crianças como sujeitos ativos e participativos, buscando práticas que as contemple e as desenvolva, num processo de planejamento dinâmico. Assim, enquanto professores, o modo que organizamos nossas concepções e práticas definirá o tipo de educação que efetivamos na creche, influenciando nas interpretações que os pais e demais sujeitos obtém do nosso perfil profissional.

Por essas vertentes podemos perceber quão ampla é a responsabilidade e atuação dos professores, detentores de um perfil polivalente, no qual as diversas áreas e eixos do conhecimento devem ser considerados, o que demanda, igualmente, uma formação que não se encerra com o término da graduação, mas deve ser contínua em todo processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, as habilidades e competências do professor são ao longo de suas práticas aperfeiçoadas, sendo os saberes construídos nos estudos teóricos e nas trocas de conhecimentos, como nas Rodas de Conversas aqui desenvolvidas.

Logo, dialogamos com Tardif (2006) ao enfatizar que o professor possui um saber plural, constituído por saberes obtidos na prática profissional – saberes experienciais; e saberes colhidos na formação – saberes profissionais. Assim, especificamente sobre os saberes experienciais, são:

[...] o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõe à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação (TARDIF, 2006, p. 49).

O que caracteriza a dimensão que se insere a prática do professor, permeada não só por conhecimentos específicos, mas pela cultura, pelas tradições, e pelas experiências compartilhadas no interior ou não das instituições. Desse modo, podemos perceber que as estagiárias e as professoras licenciadas que atuam nas creches participantes possuem ricos e distintos saberes, ativos nas práticas realizadas com as crianças pequenas, sendo essenciais espaços de discussões para progressiva construção e reflexão da identidade docente, uma vez que a identidade não é dada, e sim um processo constituído durante toda carreira.

Nesta perspectiva, é perceptível em vários momentos da fala de Luz e de outras educadoras as

parabenizações pela organização das atividades, materiais e condução das Rodas de Conversa, entendendo-as como momentos formativos, necessários para aprimoramento profissional daqueles que atuam com as crianças pequenas, independente de terem ou não terminado suas graduações, como notamos nas narrativas abaixo:

Luz: A gente só tem que agradecer a vocês por esse curso maravilhoso, o crescimento é enorme, é com muito amor que vocês trazem, e é com muito amor que todos aqui apresentam seus conhecimentos. Cada vez mais em sala de aula são novas atividades, e muitos aqui quando entraram em sala de aula não sabiam que eram capazes de trabalhar no berçário, com crianças de um aninho. É tão importante que algumas já falam que o TCC vão fazer dessa forma, depois do curso elas estão maravilhadas. Porque elas viram o que podem e são capazes, então o conhecimento foi formidável (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Pink: O módulo ele me proporcionou muito conhecimento, porque assim, eu já tinha trabalhado com 4 e 5 anos, mas nunca tinha trabalhado com creche, e vendo os vídeos, os textos sobre linguagens, e as experiências das meninas aqui, eu fui colhendo pra mim também. Claro que pra mim foi muito bom, eu gostei muito (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Entendemos que as dificuldades em trabalhar com bebês e crianças pequenas, não são eliminadas com as Rodas de Conversas, mas percebemos seu potencial em proporcionar esclarecimentos e novas práticas que busquem respeitar e contemplar as crianças na sua integridade. As dúvidas do que fazer e como trabalhar na creche, precisamente com as linguagens da infância, foram discutidas ampliando os saberes dos educadores, e a percepção de que suas práticas são sim importantes e significativas, quando pensadas tendo a participação das crianças, com um planejamento reflexivo e intencional para melhor organização do fazer pedagógico.

Enquanto pesquisadoras, perceber que o modo como as Rodas de Conversas foram delineada, teve um retorno positivo, é reconhecer que mesmo diante das dificuldades e do árduo trabalho em realização destes momentos, nosso trabalho conseguiu contribuir para que os educadores percebessem os ricos conhecimentos e experiências que a educação de crianças de 0 a 3 anos possui.

A fala de Lua acrescenta ainda:

Lua: Esse curso propiciou também, elas acreditarem mais no trabalho delas. Porque às vezes a gente faz e não acredita, será que é assim mesmo? Que é por esse caminho? E todas as vezes que a gente vê um vídeo, vê uma atividade, vê alguém comentando, a gente percebe que não é mais novidade, que a gente já faz. A metodologia de vocês pra mim foi muito boa, a linguagem que vocês utilizaram, os autores que vocês trouxeram, o linguajar foi muito do cotidiano, foi muito do nosso dia-a-dia, a ponte que vocês fizeram entre teoria e prática não deixou a desejar, o tempo das atividades, vocês encaminharam muito bem o curso. E assim, eu só tenho que agradecer (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

O que enfatiza a importância de momentos constantes de formação para os educadores, buscando além de trazer o novo, evidenciar que suas práticas também são importantes e significativas, fugindo da pesquisa apenas como julgamentos ou críticas, mas valorizando e incentivando estes profissionais.

A escolha da metodologia e da organização das atividades buscou contemplar as dúvidas e respostas que os educadores disponibilizaram no questionário inicial de sondagem. Por isso, não nos distanciamos da realidade presente nas instituições. Textos, vídeos e outros materiais foram utilizados como instrumentos de apoio, entendendo que há uma teoria sobre as múltiplas linguagens da infância e que a docência não se constitui apenas de práticas, mas existem conceitos e conhecimentos que devem ser acentuados.

Com isso, de forma dinâmica, como última atividade, tendo em vista que tínhamos a presença de educadores de duas creches, pedimos que se dividissem e elaborassem cartazes que apresentassem uma síntese das aprendizagens obtidas durante os momentos nas Rodas, os quais poderiam ser levados como forma de registro e memória. De tal modo, os educadores das duas creches realizaram cartazes vibrantes e figurativos, apresentando-os através de narrativas como na fala a seguir:

Maria: O que nós aprendemos, que o mais importante são as crianças. Aqui temos nossa creche (*mostra desenho*), o amor, representado pelos corações, a musicalidade, o companheirismo com as crianças, a arte, a leitura, o brincar, e a leitura do mundo, porque tudo que passamos pra elas, elas ficam imaginando, no sonho delas, no mundo delas (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Como primeiro cartaz, tivemos a manifestação dos educadores através de diversos desenhos que realçam como a creche é múltipla de linguagens, vivências e sensações. A fala de Maria apresenta o cartaz e salienta a importância que a criança possui, uma vez que ela é protagonista e comunicativa, detentora de “voz” que deve ser considerada pelos profissionais de educação infantil. Igualmente, o que nos leva a perceber que a concepção de criança que buscamos trabalhar durante nossas atividades e discursos foi aderida pelo grupo, levando ao respeito à participação infantil. Posteriormente no segundo cartaz, as educadoras enfatizam:

Ana: Até agora nós conseguimos mais segurança, dedicação, amor, compromisso, aperfeiçoamento e conhecimento. Conseguimos extrair de outras pessoas conhecimentos, para levar pro nosso dia-a-dia (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Lua: Aqui é a representação do resumo do que foi esse módulo. As diversas linguagens que são trabalhadas com crianças de zero a três anos. A gente colocou a figura desse bebê, gigante, e algumas linguagens, que é o desenho, o teatro, a pintura, a música. É que todo o contexto da creche representa tudo isso aqui (*mostra o desenho*). Ela representa a alegria do brincar, a segurança que se dá pelo educar e cuidar que estão sempre juntos, a confiança que tanto os pais como as crianças constroem à medida que estão na creche, a dedicação das professoras que é fantástica, elas são dedicadas porque elas têm o compromisso, pra estar se aperfeiçoando, pra estar adquirindo mais conhecimento, pra poder estar trabalhando com muito amor. E principalmente amor, isso aí a gente pode ver todos os dias, em todas as atividades, todos os momentos (5ª RODA DE CONVERSA – 14/05/2016).

Neste segundo cartaz, as educadoras sistematizam através de um desenho, seguido de palavras, quais os aprendizados e sentimentos almejados com as discussões. A percepção que as linguagens da infância são múltiplas e diversas, não se restringindo apenas à oralização e escrita. A importância dos

seus trabalhos e das suas profissões, que vinculam o cuidar e educar de crianças pequenas, com responsabilidade e comprometimento, o que necessita de formações e estudos contínuos, para uma qualidade do ensino e da aprendizagem. Todos estes pontos atrelados a um sentimento puro e prazeroso, que traz benefícios não só para as crianças, mas também para aqueles que executam as atividades com entrega e dedicação.

Por fim, percebemos que muito ainda há por ser discutido e refletido, sobre as linguagens da infância, contudo, esse foi o nosso primeiro passo para instaurar a inquietude nos profissionais, conduzindo à criticidade e às transformações. O que nos leva a reafirmar o anseio por outros momentos, criando novos espaços de produção, de conhecimentos e práticas para desvelar as nuances que se apresentam no percurso da educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos grandes intuitos com a formação das Rodas de Conversas sobre linguagens da infância era que esta permitisse se consolidar como um espaço em que diferentes profissionais da educação infantil expusessem seus saberes, experiências, práticas, percepções e narrativas. Entendendo-se que no coletivo é possível ampliar o campo de conhecimentos.

Logo, com o grupo composto e por meio da nossa mediação, foi possível criar uma relação de igualdade, sendo os participantes ativos na condução das atividades que foram planejadas. É certo que nem todos foram ativos verbalmente neste processo, mas mesmo assim estavam presentes compactuando das decisões tomadas e dos discursos proclamados pela maioria. Os profissionais puderam aprender um com os outros e a cada percepção e prática mencionada outra foi sendo aprimorada. É certo que muito ainda há por se fazer, mas é preciso que evidenciemos o que vem tendo resultado positivo, como incentivo a outros profissionais a se aperfeiçoarem. Deste modo, buscamos durante a execução de todo estudo, realizar um trabalho que não se estivesse baseado apenas na crítica ou julgamento dos educadores, mas que procurasse dialogar com seus saberes, conduzindo a (re)configuração de novas possibilidades do trabalho com as crianças pequenas.

De tal modo, a utilização das Rodas por meio da pesquisa-ação-colaborativa-crítica colocou todos os envolvidos como construtores de saberes, introduzindo-os à necessidade de (re)pensar e refletir suas práticas. A formação do grupo não significou apenas reunir pessoas com semelhanças em comum, salientamos que as diversidades e contradições são fundamentais para estabelecer relações que vão além da objetividade e hierarquia de posições, estabelecendo um envolvimento com modos de vida diferentes que contribuem para solucionar questões coletivamente, que emergem no cotidiano escolar.

De modo geral, podemos perceber que as Rodas de Conversas possibilitaram discussões distintas, concepções que ora se assemelhavam, ora se confrontavam, mas convergindo em busca de uma maior clareza sobre as linguagens das crianças. Nossa mediação por meio de materiais como slides para maior discussão do tema, vídeos, atividades e diálogos, permitiu criar uma relação de parceria e conforto, quebrando os silêncios iniciais que existiam e promovendo reflexões coletivas essenciais para a organização de um trabalho pedagógico significativo para as crianças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 77, p. 53-61, mai. 1991.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 157p.

GATTI, Bernadete Angelina. BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil:**

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011. 264 p.

impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. 294 p.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 400 p.

SCHON, Donald A.; COSTA, Robert Cataldo (trad.). **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000. 256 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 325 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007. 108 p.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 235 p.